

BIBLIOTECA

Jornal:	A Tarde
Data:	10/01/08
Caderno:	Salvador A10
Página:	
Assunto:	Bairro

Rua
José Duarte

A saudade mora na José Duarte

SE ESSA RUA FOSSE MINHA

LUCIANO DA MATTA | AG. A TARDE



Da calçada, a filha de Canô lembra do Apaches: menos violência

EMANUELLA SOMBRA
esombra@grupoatarde.com.br

“Se fosse minha, já tinha vendido”. A aposentada Lourdes Atalla, 70, maldiz a casa quando quer falar mal da rua. Nem foi preciso emendar a cantiga numa pergunta ingênua. O apartamento onde mora pertence ao filho, motivo que lhe prende à Rua José Duarte, no Tororó. “A única vantagem é ser no Centro, mas a gente parece que mora no último lugar do mundo”. E encurta logo a conversa.

Falar sobre a José Duarte gerou apreensão em nove de dez moradores. “Não me identifique na sua matéria. Eu já fui ameaçado na porta de casa”, certifica-se Oswaldo* pelo celular, antes de espalhar pelo bairro o número telefônico da reportagem. Depois daquela, uma sucessão de ligações anônimas, em uníssono: a rua principal do Tororó deixou de ser um pedaço do interior dentro da capital.

Dois dias antes, Oswaldo destrancava a fechadura para A TARDE, como se recebesse no apartamento um detetive particular. Da porta de uma mercearia, curiosos especulavam o movimento, enquanto ele disfarçava, constrangido. “Está vendo ali? Vão comentar. Eu vivo com medo, sou muito visado por aqui”, diz, conduzindo-se ao sofá. A tensão não diminui.

Da área de serviço, entende-se o motivo do pânico. Erguida em 2006, uma invasão na rua de trás arrancou o sono do aposentado e de uma centena de moradores que, de abaixo-assinado a denúncias no Ministério Público, se deixaram vencer. “Na semana em que invadiram, eu chamei a Sucom, me pergunte se fizeram alguma coisa?”. O antigo portão dos fundos, quando ele foi perceber, havia sido tapado com alvenaria e cimento.

MUDANÇA – Paralela às águas do Dique, a José Duarte tem acesso único pela Avenida Joana Angélica. A rua pacata e residencial, a das antigas pensões universitárias, é cercada de tensões veladas

“Era mais fresco, tinha mais árvore, não era problemático. Minhas filhas brincavam de velotrol na porta”

Mabel Velloso,
escritora

carros põem o som alto, mas o morador reclama e a gente pede para abaixar”. Uma das que protestam – educadamente – é a escritora Mabel Velloso. Filha de dona Canô, veio de Santo Amaro com uma convicção, há mais de 30 anos: morar no Tororó, onde o pai, Zeca, anos antes, alugara um apartamento para Caetano e Bethânia estudarem.

SEM GRADES – “Ali na frente morava Jorge Portugal. Ele vinha tomar banho aqui em casa quando faltava água na república dele”, ri. Da frente do Edifício Ana Nery, onde vive há mais de 30 anos, Mabel lembra de quando não havia grades nas portas, nas janelas e na fachada do prédio. “Aqui na frente, saía o bloco Secos e Molhados, o Apaches do Tororó. Uma vez, teve uma briga, o povo veio correndo por dentro do prédio e saiu lá na rua de trás”.

Hoje seria impossível. O acesso dos fundos – que também servia de entrada para os carros – é outro que foi bloqueado pela invasão. Mabel não tem mais garagem, aluga uma vaga no prédio vizinho. Por conta dos bares, às vezes vê os copos de vidro literalmente despencando na sua varanda (ela mora no subsolo), e em mês de junho, reza a novena de Santo Antônio é quase impossível. À noite, o som embutido dos carros torna inaudível qualquer Ave-Maria.

“Ah, mas eu sou apaixonada pelo Tororó, acho muito parecido com Santo Amaro. Não tenho



HAROLDO ABRANTES | AG. A TARDE

Tranquilidade

Numa manhã de domingo, a rua chega a ser calma. À noite, especialmente nos fins de semana, moradores reclamam de não ter como passar de carro. As mesas de bar não se contentam com a calçada, invadindo o asfalto.



VALDIR ARGOLLO | ARQUIVO AG. A TARDE



Década de 90

Há 16 anos, foliões passeavam em meio a vendedores ambulantes e blocos fantasiados. Era Carnaval. “Barraca do Jean parabeniza o bloco Secos & Molhados na 11ª Lavagem do Tororó”, lia-se em uma faixa amarrada no poste.

Falta consertar

Assaltos, tráfico de drogas, invasões, som alto em horário impróprio. As principais reclamações foram relatadas aos órgãos competentes. A Sucom



HAROLDO ABRANTES | AG. A TARDE

Quem foi ele? Sabe-se que José Duarte Ferreira foi médico e que, “em homenagem aos serviços clínicos prestados à população pobre desta cidade”, virou nome de rua em 1921. A prefeitura, que detém arquivos sobre o “batismo” dos logradouros de Salvador, não dispõe de mais informações. Um homônimo, nascido uma década depois, também foi médico, professor da Faculdade de Medicina e secretário estadual de Saúde em 1975.

Textos antigos, situações atuais de abandono

“O bairro do Tororó, um local tranquilo e aprazível nos dias úteis, perde literalmente a calma nos fins de semana devido aos ensaios de diversas entidades carnavalescas. Apesar dessa calma, alguns moradores citam que ela é quebrada nos fins de semana, com a festa do Apaches ou do Bar Ogum”.

Não fosse o trema abolido com a reforma ortográfica e o fato de que os carnavais já não movimentam a José Duarte, ninguém diria se tratar de um texto publicado no periódico Jornal da Bahia em 1988. Intitulava-se *Tororó, bairro da calma e do barulho*.

Veiculada em A TARDE seis anos depois, outra matéria sobre o bairro do Tororó, em 1994, já não tinha mais a mesma sensação de que não há tantas novidades. “Ali costumam ocorrer assaltos e depredação de veículos”, dizia o texto, sobre uma passagem que ligava o Tororó à Estação da Lapa.

Mas foi-se o tempo em que, uma semana antes do Carnaval, a Lavagem da Igreja paralisava a Rua do Amparo, continuação da José Duarte. Problema por outro, a aposentada Lourdes Costa, 58, fica com os do passado. “Hoje quem para a rua são os bares, com cadeiras no meio da rua impedindo os carros de passarem”.

As razões da aposentada são meramente sentimentais. Barulho por barulho, preferia o da década de 80. “Naquele tempo, pelo menos, a gente podia correr atrás do Apaches do Tororó, não precisava ouvir esse tal de Silvano Salles”. Bem se vê, o “cantor apaixonado” corre solto ali.

Há bem menos tempo na José Duarte – dez anos com uma barraquinha de relógios –, Gilton Souza, 45, dá de ombros para a conspiração. “Se dependesse de mim, eu morava aqui. É um bairro bom, não tem zoad”. Para Gilton, falta é movimento. “Se eu es-

LUCIANO DA MATTA | AG. A TARDE

HAROLDO ABRANTES | AG. A TARDE



Quem foi ele? Sabe-se que José Duarte Ferreira foi médico e que, “em homenagem aos serviços clínicos prestados à população pobre desta cidade”, virou nome de rua em 1921. A prefeitura, que detém arquivos sobre o “batismo” dos logradouros de Salvador, não dispõe de mais informações. Um homônimo, nascido uma década depois, também foi médico, professor da Faculdade de Medicina e secretário estadual de Saúde em 1975.

Textos antigos, situações atuais de abandono

“O bairro do Tororó, um local tranquilo e agradável nos dias úteis, perde literalmente a calma nos fins de semana devido aos ensaios de diversas entidades carnavalescas. Apesar dessa calma, alguns moradores citam que ela é quebrada nos fins de semana, com a festa do Apaches ou do Bar Ogum”.

Não fosse o trema abolido com a reforma ortográfica e o fato de que os carnavais já não movimentam a José Duarte, ninguém diria se tratar de um texto publicado no periódico Jornal da Bahia em 1988. Intitulava-se *Tororó, bairro da calma e do barulho*.

Veiculada em A TARDE seis anos depois, outra matéria somava aos problemas de hoje a sensação de que não há tantas novidades. “Ali costumam ocorrer assaltos e depredação de veículos”, dizia o texto, sobre uma passagem que ligava o Tororó à Estação da Lapa.

Mas foi-se o tempo em que, uma semana antes do Carnaval, a Lavagem da Igreja paralisava a Rua do Amparo, continuação da José Duarte. Problema por outro, a aposentada Lourdes Costa, 58, fica com os do passado. “Hoje quem para a rua são os bares, com cadeiras no meio da rua impedindo os carros de passarem”.

As razões da aposentada são meramente sentimentais. Barulho por barulho, preferia o da década de 80. “Naquele tempo, pelo menos, a gente podia correr atrás do Apaches do Tororó, não precisava ouvir esse tal de Silvano Salles”. Bem se vê, o “cantor apaixonado” corre solto ali.

Há bem menos tempo na José Duarte — dez anos com uma barraquinha de relógios —, Gilton Souza, 45, dá de ombros para a conspiração. “Se dependesse de mim, eu morava aqui. É um bairro bom, não tem zoada”. Para Gilton, falta é movimento. “Se eu estivesse na Avenida Sete, consertando relógio, eu estava ganhando muito mais”.

A SEU SERVIÇO

Reclame

A Secretaria da Segurança Pública disponibiliza o 3285-0000 para denúncias sobre furtos, tráfico, assaltos à mão armada e demais ocorrências.

Sucom

Ligue 2201-6600, para pedir a fiscalização de som alto proveniente de bares e residências, invasão de áreas particulares e uso indevido das calçadas.



Da calçada, a filha de Canô lembra do Apaches: menos violência

EMANUELLA SOMBRA

esombra@grupoatarde.com.br

“Se fosse minha, já tinha vendido”. A aposentada Lourdes Atalla, 70, maldiz a casa quando quer falar mal da rua. Nem foi preciso emendar a cantiga numa pergunta ingênua. O apartamento onde mora pertence ao filho, motivo que lhe prende à Rua José Duarte, no Tororó. “A única vantagem é ser no Centro, mas a gente parece que mora no último lugar do mundo”. E encurta logo a conversa.

Falar sobre a José Duarte gerou apreensão em nove de dez moradores. “Não me identifique na sua matéria. Eu já fui ameaçada na porta de casa”, certifica-se Oswaldo* pelo celular, antes de espalhar pelo bairro o número telefônico da reportagem. Depois daquela, uma sucessão de ligações anônimas, em uníssono: a rua principal do Tororó deixou de ser um pedaço do interior dentro da capital.

Dois dias antes, Oswaldo destrancava a fechadura para A TARDE, como se recebesse no apartamento um detetive particular. Da porta de uma mercearia, curiosos especulavam o movimento, enquanto ele disfarçava, constrangido. “Está vendo ali? Vão comentar. Eu vivo com medo, sou muito visado por aqui”, diz, conduzindo-se ao sofá. A tensão não diminui.

Da área de serviço, entende-se o motivo do pânico. Erguida em 2006, uma invasão na rua de trás arrancou o sono do aposentado e de uma centena de moradores que, de abaixo-assinado a denúncias no Ministério Público, se deixaram vencer. “Na semana em que invadiram, eu chamei a Sucom, me pergunte se fizeram alguma coisa?”. O antigo portão dos fundos, quando ele foi perceber, havia sido tapado com alvenaria e cimento.

MUDANÇA — Paralela às águas do Dique, a José Duarte tem acesso único pela Avenida Joana Angélica. A rua pacata e residencial, a das antigas pensões universitárias, é cercada de tensões veladas entre vizinhos. Ainda serve às casas de estudante do interior, que hoje dividem calçada com um sem-fim de bares, clínicas, cabeleiros, mercadinhos, açougues, farmácias, lava-jatos. Com a oferta comercial, vieram as grades e as trancas reforçadas.

Quase ninguém faz queixas se não estiver protegido por pseudônimo em vez do nome real. “Aqui, infelizmente, é um ponto de drogas, são carros e carros importados que descem (até a invasão). Não é raro duas, três pessoas serem assaltadas por dia”, descreve Olívia*. Do antigo módulo, na Praça Dodô e Osmar, restou um jardim. “Os bares se multiplicaram, invadiram a calçada, o asfalto e o caminho dos carros no fim de semana”.

Proprietário de boteco — nototal, são mais de dez —, Gilmar Ramos, 23, faz ouvido de mercador. “Aqui não tem confusão. Alguns

“Era mais fresco, tinha mais árvore, não era problemático. Minhas filhas brincavam de velotrol na porta”

Mabel Velloso, escritora

carros põem o som alto, mas o morador reclama e a gente pede para abaixar”. Uma das que protestam — educadamente — é a escritora Mabel Velloso. Filha de dona Canô, veio de Santo Amaro com uma convicção, há mais de 30 anos: morar no Tororó, onde o pai, Zeca, anos antes, alugara um apartamento para Caetano e Bethânia estudarem.

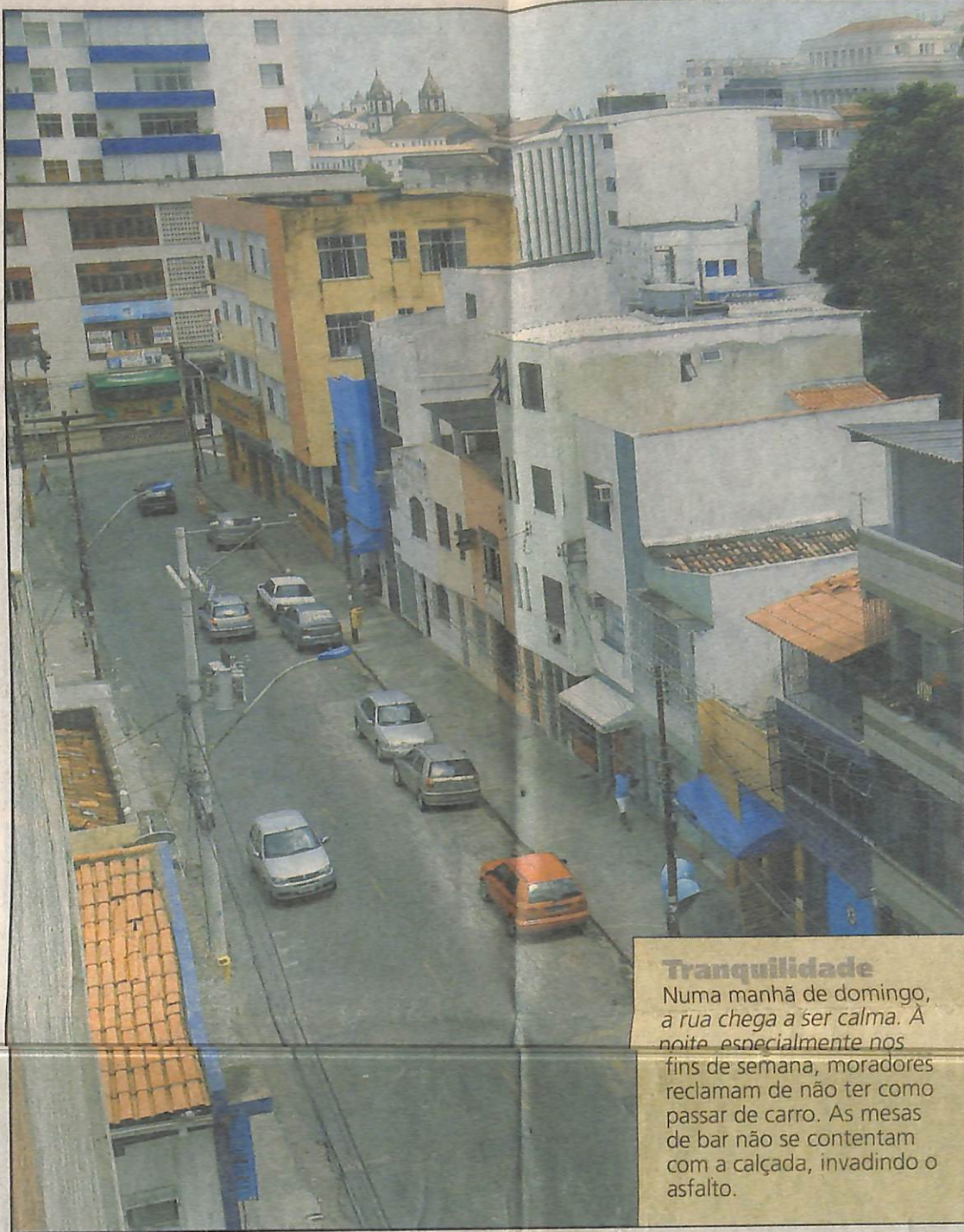
SEM GRADES — “Alina frente morava Jorge Portugal. Ele vinha tomar banho aqui em casa quando faltava água na república dele”, ri. Da frente do Edifício Ana Nery, onde vive há mais de 30 anos, Mabel lembra de quando não havia grades nas portas, nas janelas e na fachada do prédio. “Aqui na frente, saía o bloco Secos e Molhados, o Apaches do Tororó. Uma vez, teve uma briga, o povo veio correndo por dentro do prédio e saiu lá na rua de trás”.

Hoje seria impossível. O acesso dos fundos — que também servia de entrada para os carros — é outro que foi bloqueado pela invasão. Mabel não tem mais garagem, aluga uma vaga no prédio vizinho. Por conta dos bares, às vezes vê os copos de vidro literalmente despencando na sua varanda (ela mora no subsolo), e em mês de junho, rezar a novena de Santo Antônio é quase impossível. À noite, o som embutido dos carros torna inaudível qualquer Ave-Maria.

“Ah, mas eu sou apaixonada pelo Tororó, acho muito parecido com Santo Amaro. Não tenho vontade de sair daqui, mas, minha filha, se pudesse, ia embora”. Ainda assim, é como se, a cada lembrança, ela quisesse voltar à José Duarte de antigamente. “Era mais fresco, tinha mais árvore, não era um bairro problemático. Minhas filhas brincavam de velotrol na porta”, conta.

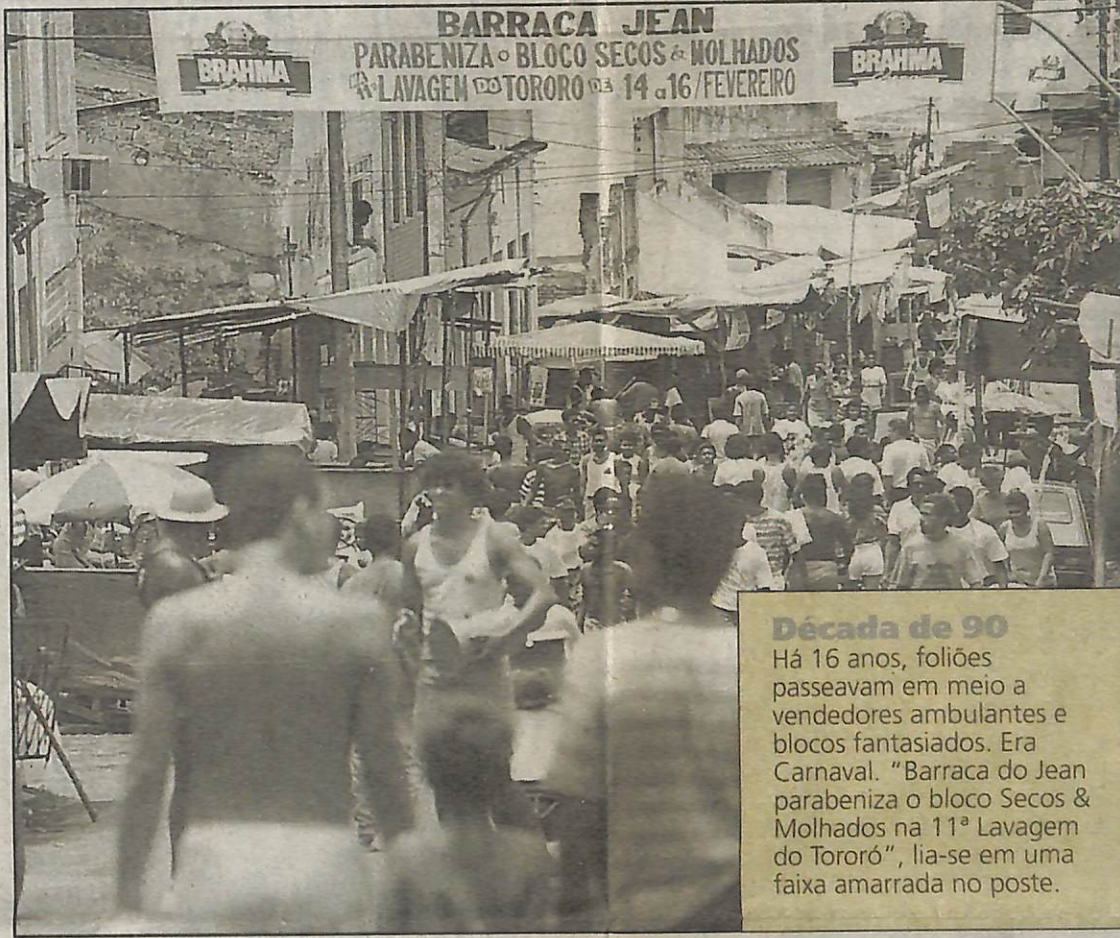
Se a rua fosse dela, contratava um carro para servir ao Martagão Gesteira, quase defronte: “O hospital atende crianças pobres, e as mães não têm dinheiro para pegar táxi, vêm lá da Joana Angélica com aqueles meninos nas costas, de perna engessada”. Pausa a entrevista, vem passando uma amiga. “Hein, dona Terezinha, o que a senhora acha da nossa rua?”. Terezinha Andrade, 82, é rápida: “Um abandono. Eu fui agora, daqui onde moro até a esquina, e nenhuma manicure veio trabalhar hoje”. Dos males, o menor.

*Nomes fictícios



Tranquilidade

Numa manhã de domingo, a rua chega a ser calma. À noite, especialmente nos fins de semana, moradores reclamam de não ter como passar de carro. As mesas de bar não se contentam com a calçada, invadindo o asfalto.



Década de 90

Há 16 anos, foliões passeavam em meio a vendedores ambulantes e blocos fantasiados. Era Carnaval. “Barraca do Jean parabeniza o bloco Secos & Molhados na 11ª Lavagem do Tororó”, lia-se em uma faixa amarrada no poste.

Falta consertar

Assaltos, tráfico de drogas, invasões, som alto em horário impróprio. As principais reclamações foram relatadas aos órgãos competentes. A Sucom (Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo) não se pronunciou. A Polícia Militar afirmou, pelo major Edmilson Tavares, da 2ª Delegacia dos Barris, que, apesar de não haver módulos, viaturas fazem ronda constante no bairro.

Sobre crimes contra o patrimônio e tráfico de drogas, a PM informou que não cabe somente ao policiamento ostensivo investigação.

i

Notícia integrada: Confira galeria de fotos da Rua José Duarte e outras matérias da série Se Essa Rua Fosse Minha no portal A TARDE On Line | www.atarde.com.br |



HAROLDO ABRANTES | AG. A TARDE